

LITERATURA BRASILEIRA

Textos literários em meio eletrônico

Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir, Padre António Vieira

Texto-fonte:

Padre António Vieira. Sermões Pregados em Portugal.

A Crise da Restauração. Divisão de Publicações e Biblioteca -
Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1940.

Edição eletrônica:

Alexsander Oliveira

Índice

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

SERMÃO DE SANTA CATARINA VIRGEM E MÁRTIR

Em ocasião que se festejava em Lisboa uma grande vitória
Ne forte-Math.

I.

Breve cláusula para tema; porém grande para sermão! E tão grande e tão forte a significação deste ne forte, que com ela se sustentam e são fortes todas as fortalezas; e as que não são fortes nem se defendem, só por falta dela se rendem e são vencidas. E que quer dizer ne forte? Quer dizer: para que não por algum engano; para que não por alguma violência; para que não por algum descuido próprio ou diligência e indústria alheia. É o ne forte um advérbio, sempre vigilante, mas indeciso; é uma suspensão do que é; é uma dúvida do que será; é um cuidado solícito do que pode ser. É um receio temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; e neste círculo de todos os tempos acautelado para todos. Deriva-se a palavra ne forte daquela que o mundo chama Fortuna, e é uma força tão poderosa e tão forte, que desarma a mesma Fortuna de todos os seus poderes; por que a quem sempre estiver cuidadoso do que ela pode fazer ou desfazer, nunca lhe acontecerá que diga— não cuidei—, que é a primeira máxima da prudência.

De prudentes e néscias se compõe toda a história do nosso Evangelho, gloriosa para umas e trágica para outras. As prudentes foram as aventureosas, porque disseram: Ne forte: as néscias as sem ventura, porque o não souberam dizer. As prudentes com as alampadas acesas entraram às vodas; as néscias às escuras e com elas apagadas, ficaram de fora. Cuidaram as néscias que se lhes não apagariam as alampadas, cuidaram que seriam socorridas das companheiras, cuidaram que ainda que chegassem tarde, se lhes abririam as portas; e depois de tanto cuidar, acharam que não tinham cuidado; porque não cuidaram quanto, e como convinha, nem souberam dizer a tempo—ne forte. Três vezes o disseram as prudentes; na consideração, na prevenção e na resolução. Na consideração, considerando que por falta do sustento natural do óleo se podia apagar o fogo e morrer a luz das alampadas; na prevenção, porque se preveniram de o levar nas redomas, para delas o suprir, quando faltasse; na resolução, porque faltando às companheiras, resolutamente lhe responderam, que não as podiam socorrer, porque podia não bastar para todas: Ne forte non sufficiat nobis et vobis (Math. XXV—9).

Oh virgem fortíssima e prudentíssima Catarina, que bem retratada vos vejo nas cinco prudentes do Evangelho, como Juno pelo pincel de Zeús nas cinco escolhidas de Argentina! Ofereceu o imperador Maximino a Catarina tudo o que podia dar neste Mundo a Fortuna, que eram as vodas e coroa imperial; mas porque a virgem prudentíssima, ainda com prudência humana, considerou nesta grande oferta, não o que era, senão o que podia ser, desprezou a coroa da Terra sujeita à roda da Fortuna, e seguiu a que hoje goza no Céu, que a mesma Fortuna nem pode dar, nem tirar: Ne forte. Este será o argumento do meu discurso, tão próprio do tempo presente, como das graças que devemos a Deus pelas fortunas do mesmo tempo. Mas como para acertar a dar estas graças é necessário que o mesmo Deus nos assista com a sua, peçamo-la primeiro, por intercessão da cheia de graça. Ave Maria.

II.

Ne forte.

Todos os títulos que nos obrigam a dar graças a Deus pelos triunfos do tempo presente, me parece que estou vendo copiados e divididos nas gloriosas insígnias daquela sagrada imagem. Está adornada a imagem de Santa Catarina com os três instrumentos ou troféus da sua vitória —uma palma, uma espada, uma roda. Os oradores evangélicos, que, entre salvas, repiques e luminárias celebraram ategora a felicidade de nossas armas na campanha deste ano, uns tomaram por assunto a palma, outros a espada: na palma, fazendo panegíricos à vitória; na espada, ao valor dos capitães e soldados. E porque nenhum ategora falou na roda, ela será o meu assunto. As palmas, que têm as raízes na Terra, todas se podem secar, ou murchar; só são perpetuamente verdes aquelas que viu S. João no seu Apocalipse: Et palma in manibus eorum (Apoc. VII—9). As espadas também têm os seus reverses na Terra, ainda que sejam descidas do Céu. Do Céu trouxe a alma do profeta Jeremias a espada que meteu na mão a Judas Macabeu; mas depois de tantas vitórias, enfim, pode dizer com Davide aquele valorosíssimo capitão: Gladius meus non salvabit me (Psalm. XLIII —7); porque na trágica batalha contra Báquides e Alcimo não defendeu ao grande Macabeu a sua espada, e com ela na mão caiu morto. Tudo isto são avisos às palmas, rebates às espadas e desenganos a todo o vencedor, que no

meio dos maiores triunfos podem temer a roda. Esta roda, pois, como prometi, será o meu argumento, o qual sobre os eixos dela se revolverá em dois discursos, quanto for possível, breves.

III.

Ne forte. Variamente pintaram os antigos a que eles chamaram Fortuna. Uns lhe puseram na mão o Mundo, outros uma cornucópia, outros um leme; uns a formaram de ouro, outros de vidro e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com asas nos pés e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas erraram, como gentios; em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de Fortuna, que significa caso, ou fado; erraram na cegueira dos olhos; erraram nas insígnias e poderes das mãos; porque o governo do Mundo, significado no leme e a distribuição de todas as coisas, significada na cornucópia, pertence somente à Providencia Divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicácia de sua sabedoria e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos, o que para os fins da mesma Providência com altíssimo conselho tem ordenado e disposto. Acertaram, porém, os mesmos gentios na figura que lhe deram de mulher, pela inconstância; nas asas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lhos porem sobre uma roda; porque nem no próspero, nem no adverso, e muito menos no próspero, teve jamais firmeza. Dos que a fizeram de ouro diremos depois; o que agora somente me parece dizer, é que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstância da roda.

Em uma das fábricas particulares e famosas do Templo, diz o texto sagrado, que fez Salomão dez bases de bronze, quadradas e iguais por todas as partes: *Fecit decem bases aneas, quatuor cubitorum longitudinis, bases singulas et quatuor cubitorum latitudinis* (3. Reg. VII-27). Diz mais (o que se o não dissera, não se imaginara) que estas dez bases se assentara cada uma sobre quatro rodas: *Et quatuor rota per bases singulas* (Ibid.—30): acrescentando para maior clareza, que as rodas eram propriamente como as das carroças, com seus eixos, raios e tudo o mais fundido também no mesmo bronze: *Tales autem rotæ erant quales solent in curru fieri; et axes earum, et radii, et canthi, et modiolii, omniu fusilia* (Ibid. —33). Toda esta miudeza foi necessário que se explicasse, para que se entendesse a obra, da qual se não fora o autor Salomão, quem haveria que ao menos não estranhasse tal modo de arquitetura? As bases são o fundamento e firmeza de toda a fábrica; a figura quadrada, entre todas as figuras a mais firme; o bronze, entre todos os metais o mais forte. Pelo contrário, as rodas com eixos, e todos os outros instrumentos de se moverem, são entre todas as cousas a menos constante, a menos estável, a menos firme. Pois porque assenta a sabedoria de Salomão toda a firmeza e fortaleza das suas bases sobre rodas? Assentadas as bases sobre rodas, ficam sendo as rodas bases das bases; e isto, que não faria, não digo eu Vitruvius, (I) senão o arquiteto mais imperito, que o fizesse Salomão?!—Sim, e com tanta arte como mistério. Aquela obra era o chamado mar Êneo (2), fabricado antes de espelhos, e para espelho dos que nele se fossem ver e compor. Quis pois o mais sábio de todos os homens, que na mesma traça, disposição e ordem da fábrica, vissem e reconhecessem todos, que não há não pode haver neste Mundo coisa alguma tão sólida, tão forte, tão firme, nem ainda tão santa (qual aquela era), que, como se estivera fundada sobre rodas, não esteja sempre sujeita às voltas, declinações e mudanças de qualquer impulso, impressão ou movimento contrário. Tudo o que se diz da Fortuna, e seus poderes, é fingido e falso; só uma coisa há nela certa e verdadeira, que é a roda.

E para que nos vamos chegando ao nosso caso, deixados os vidros e bronzes, que são nomes metafóricos, falemos agora com o próprio do homem, e de todas as coisas humanas, que é o barro. Mandou Deus Nosso Senhor ao profeta Jeremias, que fosse à oficina de um oleiro, e que depois de ver o que aquele homem fazia, lhe declararia o por que lá o mandava. Foi o profeta, e diz que achou o oleiro trabalhando sobre a sua roda: *Et ecce ipse faciebat opus super rotam* (Jerom. XVIII—3). E notando então com particular advertência o que fazia, viu que ao princípio estava formando um vaso muito polido, o qual, como se lhe descompusesse e desmanchasse entre as mãos, desfê-lo, e, como irado contra ele, tornou a amassar e pôr na roda o mesmo barro, e fez outro vaso muito diferente, como lhe veio à fantasia. Aqui falou então Deus ao profeta, e lhe disse desta maneira:—Assim como

o oleiro tem nas suas mãos o barro, e dele faz uns vasos e desfaz outros; assim tenho eu nas minhas mãos o Mundo, e posso desfazer uns reinos e fazer outros ao meu arbítrio. E se ele com a ponta de um pé dá estas voltas a sua roda, julga tu, se o poderei fazer eu. Vai a Jerusalém, conta-lhe o que viste e dize-lhe que o primeiro vaso tão polido que o oleiro fazia, é o reino de Israel, tão amado e favorecido da minha providência, o qual com a sua rebeldia se me descompõe entre as mãos; e que ainda estou aparelhado para lhe perdoar e arrepender do que tenho determinado; mas que se ele se não quiser emendar, darei volta à roda, e do mesmo barro farei outro vaso. Jerusalém passará para Babilônia, e o reino, que aqui é de El-Rei Joaquim com liberdade, lá será de Nabucodonosor com perpétuo cativo. E assim foi.

Oh que facilmente se engana o juízo humano nas apreensões de qualquer sucesso próspero? Por isso disse sábia e prudentíssimamente o grande senador romano, Severino Boécio, que melhor e mais útil é ao homem a fortuna adversa, que a próspera: *Plus reor hominibus adversam, quam prosperam prodesse fortunam* (I). E dá a razão; porque a próspera mente e a adversa desengana: *Illa enim semper specie felicitatis, cum videtur blanda, mentitur; hæc semper vera est, cum se instabilem mutatione demonstrat. Illa fallit, hæc instruit*. Quem se não quiser enganar com as lisonjas da Fortuna próspera, olhe para a roda. Nela, e do mesmo barro faz Deus reinos e desfaz reinos; desfaz Jerusaléns e acrescenta Babilônias; cativa os livres e restitui a liberdade aos cativos. Assim o fez a benignidade divina, dando outra volta à roda, e restituindo os cativos de Babilônia a liberdade, de que poucos já se lembravam, no fim de setenta anos: caso bem parecido ao nosso.

IV.

Lá, depois de setenta anos; cá, depois de sessenta, uns e outros profetizados: mas nem por isso cuide alguém, que para todas estas voltas da roda são necessários tantos espaços ou tantos vagares do tempo. As rodas do carro de Ezequiel, em que Deus se lhe mostrou governando todo este Mundo, eram cada uma composta de duas, uma roda atravessada e outra cruzada com ela pelo meio. Isso quer dizer: *Rota in medio rotæ* (Ezeq. X—10). E que rodas eram e são estas?—Uma é a roda da Fortuna, outra a roda do Tempo. Mas de tal maneira unidas e travadas entre si, e tão independentes uma do curso da outra, que para a roda do Fortuna dar uma volta inteira, não é necessário que a de também inteira o Tempo. As voltas da roda do Tempo são as mesmas que as do Sol. O Sol dá uma volta maior cada ano, e uma maior cada dia. Porém, para a Fortuna dar uma volta inteira aos maiores impérios não são necessários anos nem dias.

O maior império e monarquia que tinha havido no Mundo, era a dos assírios e caldeus. E quantas horas houve mister a roda da Fortuna para derribar esta e levantar sobre ela outra maior? Diga-o a Escritura Sagrada por boca de Daniel, que se achou presente: *Eadem nocte intrfectus est Baltassar rex chaldæus, et Darius Medus successit in regnum* (Dan. V—3º e 3I): Na mesma noite fatal em que o rei com mil magnates da sua monarquia, convidados para um solene banquete, estavam brindando aos seus deuses, foi morto—diz Daniel—Baltazar, rei caldeu, e lhe sucedeu no império Dario medo. De sorte que tanto mais depressa deu volta a roda da Fortuna que a roda do Tempo, que, não tendo o Tempo em ausência do Sol andado um dia natural, nem meio dia, a Fortuna, morto Baltazar e sucedendo-lhe na coroa Dario, já tinha posto por terra a monarquia dos assírios e caldeus, e levantado até as nuvens a dos persas e medos.

Caiu a monarquia, mas não caiu a corte; porque ficaram em pé os famosos muros de Babilônia, com os seus jardins cultivados no ar, por isso chamados hortos pensiles; onde, porém, até as flores não escaparam de ficar tristemente murchas e secas, servindo a mãos estranhas, que as não tinham regado. E para que alguém não imagine da roda da Fortuna, que, não perdoando às coroas, ao menos dá quartel às pedras; passando do maior império da Ásia à melhor cidade da Europa, ouçamos em outra coisa não menos trágica, quão precipitada é a sua volta também em estas ruínas.

Fala Sêneca da antiga Lugduno (I), que anoitecendo cidade, amanheceu cinza, e escreve assim: *Tot pulcherrima opera, quæ singula illustrare urbes singulas possent, una nox stravit. Et in tanta pace,*

quantum ne bello quidem timeri potest, accidit. Quis credat? Lugdunum, quod ostendebatur in Gallia, quaeritur. Omnibus fortuna, quos publice affixit, quod passuri erant, timere permisit. Nulla res magna non aliquod habuit ruinæ suæ spatium. In hac una nox interfuit inter urbem maximum, et nullam. Denique diutius illam periisse, quam periit, narro (Sê nec. Epist.). É lástima haver de afrontar com a tradução de qualquer outra língua a elegância destas palavras. "Aqueles famosos edificios—diz Sêneca—que cada um deles pudera enobrecer e ilustrar uma cidade, todos igualou com a terra uma noite; e aconteceu na bela paz, o que nem da mais furiosa guerra se pudera temer. Quem tal crera? Aquela Lugduno, que se mostrava por maravilha na Gália, busca-se nela, e não se acha. A todos os que a Fortuna afligiu publicamente, permitiu que temessem o que haviam de padecer, e a nenhum coisa grande deixou de dar o tempo algum espaço à sua própria ruína. Só nesta, entre a cidade máxima e o nada, não houve mais que uma noite. Ainda acabou mais depressa do que eu o escrevo". Atequi a narração e ponderação do grande filósofo. E como para as maiores voltas e mudanças da roda da Fortuna não são necessários anos, nem dias inteiros, e da ametade de um dia sobejam ainda horas e essas as mais ocultas à vista; que segurança pode haver tão confiada, que entre os abraços mais lisonjeiros da felicidade não tema os seus reveses? E que reino ou república, que rei ou capitão prudente, que entre os maiores triunfos lhe não esteja sempre batendo às portas do coração aquela voz duvidosa: Ne forte?

V.

Não é minha tenção com este discurso querer que a muito nobre cidade de Lisboa entristeça a sua alegria, nem ponha silêncio aos seus aplausos; porque seria ser ingrata ao Céu e negar os públicos pregões da fama aos que com o seu esforço e sangue tão honradamente lhos mereceram. O que só desejo é que toda esta Monarquia de Portugal se não deixe tanto inchar do vento da Fortuna que se fie dela e a creia. Ouvi debaixo de um paradoxo o mais sisudo juízo da prudência militar. Como na guerra não há coisa mais para estimar que o vencer, assim não há outra mais para temer que a mesma vitória. Quando o sábio capitão se vir mais vitorioso e triunfante na carroça de Marte e da Fortuna, então é que mais se deve temer da volta das suas rodas.

Vencedor Abraão de quatro reis, que tinham vencido outros cinco, e levado cativo com parte deles a Lote seu sobrinho, fizeram mais famosa esta interpresa três circunstâncias notáveis: uma da parte dos reis vencidos, outra da parte de Abraão vencedor, e a terceira da parte de Deus, que neste acontecimento lhe apareceu e falou. Notável da parte dos reis vencidos; porque naquela mesma noite em que contentes e divertidos estavam brindando a sua vitória, deu sobre eles Abraão, com que a não chegaram a lograr quatro horas inteiras, bastando tão pouco espaço de tempo para dar volta a roda, e de vitoriosos e triunfantes se verem vencidos. Notável da parte de Abraão vencedor; porque, voltando triunfante com parabéns e aplausos de Melquisedeque, rei de Salem, nenhuma demonstração fez de festejar o seu próprio triunfo. Não havia então salvas de artilharia, nem repiques, nem luminárias, mas conforme o uso daquele tempo, pudera levantar troféus, que eram árvores, desganhados os ramos, e penduradas deles as armas e despojos dos inimigos que Abraão desprezou generosamente. Notável enfim da parte de Deus; porque naquela mesma ocasião lhe apareceu o Senhor dos exércitos e lhe disse estas notáveis palavras: Noli timere, Abraham, ego protector tuus (Gen. XV —I); ou, como se lê no texto original: Ego scutum tuum: Não temas, Abraão, que eu sou o teu protetor e o teu escudo. Aqui é o meu reparo, e primeiro que tudo, naquele noli timere: Não temas. Não é este Abraão aquele mesmo, que pouco há tão animoso e destemido, com resolução quase temerária se atreveu a acometer quatro reis vitoriosos e triunfantes só com trezentos e dezoito homens de sua casa? Não é aquele mesmo que com tanta arte, disposição e ordem militar soube repartir os seus, e de tal modo, e a tal tempo investiu os inimigos que, sem lugar de se defenderem, os pôs a todos em fugida? Pois se antes não temeu a batalha, sendo tão arriscada; como agora teme, depois de a vencer, e tão venturosamente? Dantes podia temer os inimigos por muitos e vitoriosos; mas agora, depois de destratados e vencidos, a quem teme, ou de quem se teme?—Teme-se da sua própria vitória. Por isso Deus que, para vencer a batalha, lhe não deu a espada, para conservar e defender a vitória lhe promete o escudo: Ego scutum tuum.

Vede quanta razão e quantas razões tinha Abraão para temer e se temer da sua vitória: *Noli timere*. Considerava Abraão que ele era um, e os reis que vencera quatro: e na comparação de um a muitos, que coração haverá tão agigantado, que com os pés na campanha não tema? O gigante Golias coberto de ferro, e maior na sua soberba que na sua estatura, nunca se atreveu em quarenta dias a desafiar mais que a um: *Ad singulare certamen* (I Reg. XVII-10). De Hércules, cujas forças e façanhas é mais certo que foram fabulosas do que verdadeiras, é contudo verdadeiro o provérbio que: *Nec Hercules contra duos*. E posto que as de Judas Macabeu, canonizadas na Escritura Sagrada, não admitem dúvida, também a não há, de que na última batalha, que teve quase vencida, acabou sem remédio, nem resistência, não vencido no valor, mas oprimido da multidão. Considerava mais Abraão que o poder menor, competindo com o grandemente maior, ainda quando vence sempre fica desigual: e é tal a diferença nesta desproporção defensiva, que o maior, ainda perdendo muitas batalhas, facilmente se conserva na sua mesma grandeza; e o menor, tendo necessidade de muitas vitórias para se conservar, bastará perder só uma para se perder. Finalmente, temia Abraão a sua vitória; porque não olhava para ela só, senão juntamente para a dos mesmos inimigos, a quem vencera. E se eles—dizia consigo—não lograram a sua vitória quatro horas inteiras; que segurança posso eu ter de me sustentar sempre na minha? Porventura pregou ela algum cravo na roda da Fortuna, para que não dê aquelas voltas que continuamente está dando o Mundo, sem jamais parar?

Oh como pudera o mesmo Abraão confirmar este seu temor depois da vitória dos quatro reis, com o exemplo de outros quatro do Egito, onde já no tempo de Abraão se começavam a coroar os homens! Sesóstris, rei do Egito, depois de vencer outros quatro reis vizinhos, se desvaneceu a tanta soberba, que em lugar de outros tantos cavalos, mandou que os quatro reis vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em um dia, porém, de grande celebridade, advertiu que um dos reis vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto e os olhos sempre os levava voltados, e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesóstris lhe perguntasse com que pensamento o fazia, respondeu:—*Intueor volumen hoc assiduum rotæ in qua vicissim ima summa, et summa ima fiunt*: Levo sempre postos os olhos nesta roda; porque vejo nela, que assim como esta parte que agora está em baixo, esteve já em cima, assim a que está em cima, com meia volta só, torna a estar em baixo. Entendeu o mistério o rei vitorioso e soberbo, e mandou logo tirar do jugo aos vencidos. As vitórias próprias, sem os olhos na roda, ensoberbecem; com os olhos nela, humilham. Com os olhos na roda, aos vencidos causaram esperança, e aos vencedores temor. Por isso Abraão temia a sua vitória, e todos os grandes capitães temeram sempre as suas.

Ouvi isto mesmo admiravelmente discursado por Sêneca, o poeta, e com a mesma propriedade representado por El-Rei Agaménon, rei e general do exército grego, depois de abrasada Tróia: *Stat avidus ira victor, et lentum Ilium metitur oculis*: Olhava para Tróia vencida o vencedor Agaménon; e porque a não podia ver toda de uma vez, lentamente e pouco a pouco ia medindo com os olhos sua grandeza. A primeira coisa que deve fazer o prudente vencedor, é tomar bem as medidas ao país vencido: *Et lentum Ilium metitur oculis*. E que se seguirá de aqui? O que aconteceu a Agaménon: *Victamque quamvis videat, haud credit sibi potuisse vinci*: e ainda que Agaménon estava vendo vencida a Tróia, não acabava de crer, nem de se persuadir a si mesmo, que ele a tivesse vencido. Não se podia louvar mais nem encarecer melhor a grandeza da vitória. Na opinião invencível, aos olhos vencida. E passando da terra à coroa, da metrópole ao rei, e de Tróia a Príamo, a conclusão do juízo de Agaménon foi esta: *Tu me superbum, Priame, tu timidum facis*: Tu, ó Príamo, me fazes soberbo e tu me fazes tímido. Quando vejo que venci um tão grande rei como Príamo, monarca e senhor de toda a Ásia, vêm-me pensamentos de soberba: *Tu me superbum, Priame*. Mas quando no mesmo Príamo me vejo a mim, como em espelho, e quando considero e reconheço que, assim como eu o venci a ele, outro me pode vencer a mim; e dando volta a Fortuna, como hoje me vejo vencedor, amanhã me posso ver vencido, todos os ardores da soberba se me convertem em frios de temor: *Tu me superbum, tu timidum facis*.

Este foi o juízo de Abraão em temer a sua vitória: e este o de Agaménon em temer a sua: e o meu no nosso caso qual será?—Porque não me persuado a temer nem quero persuadir temores, e por outra parte quisera prometer segurança às nossas vitórias, sujeitas todas aos reveses da roda da Fortuna; só

no escudo que Deus prometeu a Abraão, que é círculo permanente, as acho. Escreve Plínio, que em Roma no pórtico de Pompeu se via com admiração a pintura de um soldado sem mais armas que um escudo, obra de Pelignoto, famoso naquela arte, e o que nela se admirava era estar pintado o soldado em tal ação no meio de uma escada, que ninguém podia divisar se subia, ou descia: *Hujus (Pelignoti) est tabula in porticus Pompei, in qua dubitatur ascendentem cum clypeo pinxerit, an descendentem.* Toda a escada, senhores meus, ainda que em diferente figura, é também roda; porque pelos mesmos degraus se pode subir ou descer. No meio desta escada vejo aos nossos soldados armados também de escudo à defensiva, qual é a nossa guerra; e pôsto que na presente vitória parece que estão em ação de subir, como igualmente é sem questão que podem descer, nesta dúvida ou contingência não lhes posso afirmar coisa certa. É verdade que estou vendo muitos arcos triunfais levantados; mas estes, ainda que não tiveram as bases na terra, não podem segurar firmeza ao que significam. Nas íris ou arcos celestes, não só observaram os matemáticos, mas experimentam os rústicos, que quando o Sol sobe, os arcos descem, e quando o Sol desce, os arcos sobem. E se nas voltas que dá o Sol ao Mundo, se vê esta diferença naqueles espelhos; se quando os arcos se abatem, é sinal que sobe o Sol ao Zênite, e quando os arcos crescem e se levantam, é sinal que o mesmo príncipe dos planetas desce ao ocaso; que juízo se pode formar do aparente destes triunfais meteoros, para segurar o aumento das monarquias ou sua declinação? A que hoje parece que sobe, amanhã pode descer, e a que hoje desce, amanhã pode subir; e só no escudo, que abraça o braço de Deus (e é círculo, como dizia, permanente), se pode segurar o prudente temor, para que não diga: *Ne forte.*

VI.

Temos satisfeito neste primeiro discurso ao Evangelho, ao tema, ao tempo e caso presente, e ao ne forte das virgens prudentes. Agora vejamos como a virgem prudentíssima que nos deu a roda, com o exemplo e sucessos gloriosos das suas vitórias nos ensina o que devemos desprezar, temer ou assegurar em todas as voltas, que à da Fortuna e à do próprio alvedrio pode dar o Mundo.

Primeiramente, assim como é prudência nas coisas duvidosas e contingentes dizer—*Ne forte*; assim nas certas, e que não podem ter dúvida, dizer—*Ne forte*, é a maior imprudência. A mais imprudente mulher (também virgem) que houve no Mundo, foi a destruidora dele—Eva. E porque?—Porque sobre a verdade mais certa e a certeza mais infalível, da qual se não podia duvidar, disse: *Ne forte.* Tinha Deus notificado a Adão, e nele a Eva, que no dia em que comessem da árvore vedada ficariam sujeitos à morte. E sendo as palavras expressas do preceito—*In quocum die comederis ex eo, morte morieris*, Eva respondendo à pergunta do demônio, e referindo o mesmo preceito, acrescentou-lhe um *ne forte*: *præcepit nobis Deus, ne comederemus et ne tangeremus illud, ne forte moriamur.* E que se seguiu deste *ne forte* da virgem néscia do Paraíso?—Seguiu-se o erro que emendou o *ne forte* das virgens prudentes do Evangelho. O *ne forte* da néscia pôs dúvida onde não podia haver dúvida; o *ne forte* das prudentes não admitiu dúvida, onde podia haver muitas.

Podiam duvidar, sendo companheiras, como eram, se seria contra as leis da verdadeira e fiel companhia não ser comum de todas, o que era particular de algumas. Podiam duvidar, sendo amigas, se era obrigação em tal aperto oferecerem-lhe elas o óleo, ainda que o não pedissem, quanto mais não lhe negar, tendo-o pedido. Podiam duvidar se nas circunstâncias de um caso tão preciso, era lícito descompor o acompanhamento e desfazerem o aparato das vodas, para o qual foram escolhidas em tal número, e para tantas parelhas. Podiam duvidar se sentiriam, como era razão, o desar daquela falta o esposo e esposa, que eram os senhores a quem serviam, e de cujo agrado e favor dependia o seu bem e toda a sua esperança. Podiam duvidar, enfim, se era contra o primor, contra a cortesia, contra a nobreza, contra o crédito e reputação e contra todos os outros respeitos e pontos de honra, que tão escrupulosamente observam nas ações públicas os que as fazem nos olhos do mundo, e sujeitas aos seus juízos. Pois se em dar ou não aquele socorro havia tantas duvidas, como se resolveram as prudentes a o negar, principalmente sendo muito pouco o que haviam de despender, sabendo que o Esposo já vinha: *Ecce sponsus venit?* (Math. XXV—6) .

A razão deste tão bem fundado reparo, é muito mal praticada nas cortes, e por isso necessário que a

nossa, com quem falo, a ouça. O que importava à prevenção das virgens prudentes e o que dependia de ela bastar ou não bastar para todas, não era menos infalivelmente que o entrar às vodas ou não entrar; o ganhar o Céu ou perde-lo; o salvar ou não salvar: e em matéria de salvação não se há de admitir dúvida, nem contingência, por menor ou mínima que seja. Todos os pontos do primor, do crédito, da reputação e honra humana, em chegando a este ponto, são nada. Todas as obrigações e finezas da amizade e do amor, ainda que seja o que mais cega, que é dos pais para com os filhos, a qualquer sombra deste perigo se devem converter em ódio; este só respeito há de vencer todos os respeitos, esta só dependência todas as dependências, este só interesse todos os interesses. Cuide o Mundo, murmure a vaidade, diga a fama o que quiser; arrisque-se enfim tudo o que se pode arriscar, perca-se tudo o que se pode perder, contanto que se não arrisque ou ponha em dúvida a salvação.

Tão sisudo e tão forte como isto foi o ne forte das virgens prudentes. Mas por isso mesmo não só parece desumano, senão contrário a toda a razão e proximidade. Se tanto reparo e tanto escrúpulo fazeis neste ponto, por ser da salvação, porque não reparais na de vossas companheiras? Não vedes que, seguindo o vosso conselho, vão arriscadas a se lhes fecharem as portas do Céu, e o perderem e se perderem para sempre? Assim o viam como sábias e o sentiam como amigas. Mas esta é a obrigação precisa e indispensável, e este o privilégio soberaníssimo da salvação própria. Se a dúvida ou risco da minha salvação em qualquer caso se encontra com a alheia, seja a alheia de quem for e de quantos for; sou obrigado a tratar tão unicamente da minha salvação, que me salve eu, ainda que se perca todo o Mundo. Não é menos divino este tremendo documento, que da boca da mesma verdade *Qui prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* (Ibid. XVI—26). Que lhe aproveita a um homem— diz o Salvador dos homens—salvar ele, ou que por seu meio se salvem, todas as almas do Mundo, se ele perder a sua? Aqui não há senão dar um ponto na boca. E este foi o fecho com que as prudentes acabaram de concluir, não a desculpa, senão a obrigação que tiveram de não acudir à salvação das companheiras, pois era com dúvida e risco, da própria. *Ne forte non sufficiat nobis et vobis* (Ibid. XXV-9).

VII.

Em confirmação desta notável verdade, que é bem saibam todos, para que nos fiemos das diligencias próprias, e não de dependências alheias, seguiu-se o alegre e triste fim da história do Evangelho. As prudentes entraram às vodas, as portas do Céu tornaram a se fechar, e posto que as néscias vieram e bateram, ficaram de fora. Cuidava eu que as virgens prudentes, vendo-se já dentro do Céu, sem dúvida não perigo da salvação própria, ao menos se lembrassem de interceder pelas companheiras; mas este foi o segundo e novo desengano, para que cada um se fie de si. Lá vão chorando as tristes e miseráveis néscias, que nem na terra tiveram remédio, nem no Céu o acharam. E que efeitos causaria esta lastimosa vista no coração, no zelo e no valor de Catarina?—Com assombro dos outros santos, dos anjos e do mesmo Evangelho, resolve-se a fazer abrir outra vez as portas do Céu, já fechadas, e que entrem também as néscias.

Já vejo que reparam os doutos na proposição; mas notem o sólido fundamento dela. As néscias do Evangelho são aquelas, cujas alâmpadas se apagaram por falta de óleo, e por esta falta não entraram as vodas. E estas néscias, que semente o são em parábola e semelhança, em realidade e verdade significam aquelas almas a quem falta o lume da fé e o óleo da caridade, sem o qual, ainda que haja fé, é fé morta, e o lume da mesma fé apagado, sendo que só com ele ardente, e ela viva, se pode entrar no Céu. Tais eram, e pela maior parte idólatras, os que habitavam a grande cidade de Alexandria, pátria da nossa santa, onde então residia o imperador Maximino, o maior inimigo de Cristo, o mais cruel tirano e perseguidor dos cristãos. Estava ali Catarina cheia de fé entre infiéis, estava cheia de sabedoria entre ignorantes, estava cheia de luz entre os cegos, estava cheia de piedade entre tiranos. E que fariam dentro daquele generoso coração, e como rebentando nele todas estas heróicas virtudes e cada uma delas?—A fé o incitava a converter a infidelidade, a sabedoria a ensinar a ignorância, a luz a alumiar a cegueira, a piedade a abrandar e amansar a tirania; e sobre tudo o abrasava a vista da perdição de tantas almas. Se Catarina fora uma das dez virgens, com dúvida e contingência de salvação, diria com as prudentes da parábola: *Ne forte*; mas como depois de o mesmo Cristo lhe dar o

anel de esposo, ela era a esposa, que não podia deixar de entrar às vodas: Exierunt obviam sponso, et sponsæ (Ibid. XXV—I); por isso em lugar de dizer: Ne forte; (notai muito) em lugar de dizer: Ne forte. disse: Si forte.

Si forte—disse com novidade inaudita em lugar de ne forte, e é bem que reparemos muito na diferença destes dois advérbios, porque em tão pequena mudança de letras têm a significação totalmente contrária. O ne forte significa—para que não, como já vimos; o si forte quer dizer—se porventura; o ne forte é advérbio seguro e frio; o si forte animoso e ardente; o ne forte fecha as portas ao temor; o si forte abre-as à esperança; o ne forte é freio para a cautela; o si forte é espora para a ousadia: o ne forte diz: Não te arrisques; o si forte diz: Aventura-te; finalmente o ne forte tem por efeito evitar o mal que suspeita; e o si forte tem pôr objeto empreender e conseguir o bem a que aspira. Mas este bem não há de ser qualquer bem ordinário e vulgar, senão grande, senão árduo, senão heróico, e que tenha mais graus de dificultoso, que de possível. Para prova do ne forte, basta o das virgens do Evangelho, que deixamos tão debatido. Para declaração e exemplo do si forte, temos dois famosos no Testamento Velho, e tão medonhos, como atrevidos. Tendo os filisteus com inumerável exército posto em tal aperto os filhos de Israel, que para guarnecerem as vidas, se escondiam pelas covas e grutas dos montes, veio ao pensamento de Jonatas, filho de el-rei Saúl, que se ele rompesse as sentinelas na hora mais secreta do sono, o desacordo do mesmo sono e a escuridade da noite, podia por os inimigos em tal confusão, que, sentindo-se ferir e matar, sem saber por quem, eles mesmos voltassem as armas uns contra os outros e se desbaratassem e fugissem. Assim o imaginou aquele príncipe, assim o executou e assim sucedeu, sendo os autores desta prodigiosa façanha o mesmo Jonatas e o seu pajem de lança somente. Mas com que motivo racional em caso tão dificultoso?—Sem outro motivo ou impulso mais que a ousadia de um animoso si forte. Assim o disse o mesmo Jonatas, quando acometeu a empresa, deixando-a toda a Deus e à ventura: Veni, transeamus, ad stationem incircumcisorum horum, si forte faciat Dominus pro nobis, (I Reg. XIV—6). O segundo exemplo ainda foi maior, se pode ser; porque não teve parte nele o socorro da noite. Quando Josué repartia as conquistas da Terra de Promissão, pediu-lhe seu antigo companheiro Calebe um sítio chamado o Monte dos Gigantes, em que eles se mantinham inexpugnavelmente fortificados: Da mi montem istum, in quo Enacim (idest Gigantes) sunt, et urbes magnæ atque munitæ (Jos. XIV—I2). Mas se os homens de ordinária estatura em comparação dos gigantes são pigmeus e os muros que defendiam as suas cidades eram tão agigantados como eles, com que confiança Calebe, que já contava oitenta e cinco anos de idade, se atreve a tão desigual e dificultosa conquista?—Com a mesma confiança e impulsos de um intrépido e valoroso si forte: Si forte sit Dominus mecum et potuero delere eos (Ibid.).

Tal era o fortíssimo si forte, de que estava armada a nossa valorosíssima aventureira para assaltar outro monte mais alto e conquistar outras muralhas mais impenetráveis e abrir as portas do Céu às néscias da sua pátria, tanto mais néscias e ignorantes, que não sabiam chorar, nem ainda conhecer a miserável cegueira que as tinha fora dele então, e para sempre. Sendo tão grande a dificuldade da empresa, ainda a dificultou com outra maior naquela mesma ocasião a tirania do imperador Maximino. Lançou bando que todos os súditos do seu império, agradecidos as mercês com que os deuses imortais o favoreciam, lhe viessem oferecer sacrifício público, sob pena da vida, e da sua indignação aos que assim o não obedecessem. A indignação do tirano significava os esquisitos tormentos, com que a morte, por si só terrível, se fazia muito mais formidável. E aqui se viu Catarina metida entre dois extremos os mais repugnantes à natureza e ainda à mesma graça. De uma parte o Céu, da outra o Inferno; de uma parte a morte temporal própria, da outra a eterna alheia; de uma parte a perdição, da outra a salvação de tantas almas. Mas naquele sublime espírito não foram necessários muitos discursos para a mais heróica deliberação. A morte—diz Catarina—é certa, a salvação duvidosa; mas a morte é minha, a salvação é dos próximos; aventure-se pois Catarina a conseguir a salvação alheia, e perca embora de contado a vida própria.

Em toda a Escritura Sagrada há só uma deliberação que tenha alguma semelhança com esta. Tinha passado el-rei Assuero um decreto, por indústria e vingança de seu grande privado Amã, para que em

certo dia assinalado, nas cento e vinte e sete províncias sujeitas a seu império morressem todos os hebreus que nelas se achavam. Teve esta noticia Ester, que também era hebréia, resolve-se a procurar a salvação do seu povo; porém, querendo falar ao rei, soube que havia outro novo e segundo decreto seu, em que proibia, que nenhum homem, nem mulher pudessem entrar à sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida: *Quod sive vir, sive mulier, non vocatus, interius atrium regis, absque ulla cunctatione interficiatur* (Est. IV—II). Tudo eram traças do mesmo Amã, para que a execução da morte universal dos hebreus se não pudesse revogar. E aqui temos a Ester metida entre as duas pontas de um fatal dilema, por ambas as partes mortal. Se não entra ao rei, executa-se o primeiro decreto e morre o povo; se se atreve a entrar, executa-se o segundo e morre Ester. Que faria pois a generosa heroína, vendo-se expressamente compreendida nas palavras do decreto: *Sive vir, sive mulier?*—Execute-se embora—diz—a morte em mim, com tanto que nesse mesmo risco me aventure eu a conseguir a salvação do meu povo. Isto disse a famosa resolução de Ester, e nisto parece que se igualou o seu *si forte* com o *si forte* de Catarina. Mas não consinto eu tal igualdade; nem foi assim. Porque?—Porque no mesmo decreto se acrescentava esta condição: *Nisi forte rex auream virgam ad eum tetenderit pro signo clementiæ* (Ibid.): Exceto somente o caso em que o rei estenda o cetro de ouro sobre quem entrar, em sinal de clemência. De sorte que o *si forte* de Ester tinha por si o *ne forte* de Assuero; porém, o de Catarina era *si forte* sem *ne forte*. Aquele tinha por si a condicional do rei, este tinha contra si a condição do tirano; aquele tinha por si a clemência, este a crueldade inexorável; aquele o cetro de ouro, este não o cetro, senão a espada. não o ouro, senão o ferro, tantas vezes tinto no sangue cristão e insaciável dele. Em suma, que o bando era absoluto e sem exceção; a morte certa e sem dúvida os tormentos esquisitos e iguais à sevícia e crueldade do tirano; e a tudo isto se ofereceu uma donzela, que ainda não tinha idade para se chamar mulher, com a esperança incerta, duvidosa e somente possível, da salvação alheia à ventura e contingência de se poder ou não poder conseguir seguir: *Si forte*.

VIII.

Mas porque é mais fácil o desejar que o fazer, e menos difícil o resolver que o executar; passemos do pensamento às mãos, e vejamos como a nossa conquistadora do Céu e das almas entra e se empenha bizarra nas suas aventuras. O primeiro tiro que fez, foi a cabeça. Presenta-se ao imperador, armada da sua eloquência e acompanhada só de si mesma. Estranha-lhe a publicidade do bando, o terror das ameaças, o sacrilégio das sacrificios, a falsidade dos deuses com nome de imortais, sendo paus e pedras: e sobre este exórdio passou à doutrina da verdadeira fé Pisma Maximino de tal audácia e atrevimento na fraqueza daquele sexo e idade, e cumprindo-se no ímpio idólatra a discreta maldição de Davide, que sejam semelhantes aos ídolos os que os adoram: *Similes illis fiant qui faciunt ea* (Psal. CXIII—8), ele ficou mais ídolo que idólatra. Os ídolos têm olhos, e não vêem—ele ficou cego; os ídolos tem ouvidos, e não ouvem—ele ficou surdo, os ídolos tem língua, e não falam—ele ficou mudo, cego à luz, surdo à voz, mudo à força da razão, a que não podia resistir, nem queria ceder.

Não há cabeças mais duras de penetrar e converter que as coroadas; e se o rei ou tirano, por dentro é mau e vicioso, e por fora hipócrita e devoto, estas aparências de religião, com que se justificam, os endurecem e obstinam mais. Tais hão de ser as artes do Anti-Cristo na falsa introdução da sua divindade; e tais eram em Maximino, sem artifício, o zelo e veneração da que cria nos seus deuses e negava e blasfemava em Cristo. Com tão pouca esperança de vencer, começou a primeira aventura de Catarina, o que ela não estranhou, porque na empresa do seu heróico *si forte*, sempre levou os olhos postos nas duas faces da contingência, uma alegre, outra adversa; uma vencedora, outra não. Contudo, depois que o imperador falou e ouviu, se não alcançou dele a inteira vitória, conseguiu parte dela. E qual foi, porque nem o mesmo imperador o entendeu?—Foi que se o não fez católico da nossa fé, fê-lo herege da sua. Alcançou dele modesta e sabiamente a santa, que entre ela e seus filósofos se disputasse publicamente a questão da verdadeira ou falsa divindade dos deuses. E aqui fraquejou a astúcia do imperador e se viu a sutileza de Catarina; porque o que se põe em questão e disputa, igualmente se põe em dúvida; e quem duvida da sua fé, qualquer que seja, já é herege dela.

Apareceram enfim os filósofos em uma sala, que era o teatro da famosa disputa, não menos em

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

